

(DES) POLITIZAÇÃO: MULHER, MÃE E PROFESSORA NO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE CRISE

(DES) POLITIZACIÓN: MUJER, MADRE Y MAESTRA EN LA EDUCACIÓN A DISTANCIA EN TIEMPOS DE CRISIS

(DE) POLITICIZATION: WOMAN, MOTHER AND TEACHER IN REMOTE EDUCATION IN TIMES OF CRISIS

Maria Cleide da Silva Ribeiro LEITE¹
Patrícia Helena Carvalho HOLANDA²

RESUMO: Os escritos textuais fazem referência a uma pesquisa de estágio pós-doutoral do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Área de Concentração Educação Brasileira. Objetivou-se compreender implicações sociais e pedagógicas do isolamento social na vida de mulheres professoras do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *Campus Canindé* no contexto da pandemia do coronavírus. A submissão das mulheres pela naturalização biológica e social advém da imposição cultural por gerações. Esta problemática agravou-se ainda mais no período de isolamento social. Cada vez mais dentro de casa, as mulheres foram sobrecarregadas de atividades. Marcadores teórico-metodológicos aferiram que as mulheres precisam conhecer o sistema social e cultural que as fazem submergir. Urge a mobilização de mulheres com potencial político de articulação para a desconstrução opressora e desmistificação das conexões sociais e culturais do aprisionamento feminino; propostas afirmativas, com ações compensatórias focadas nas diferenças desiguais devem ser efetivadas para o alcance da igualdade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade de classe. Patriarcado. Interseccionalidade. Distanciamento social.

RESUMEN: Los escritos se refieren a una investigación de pasantía posdoctoral del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Ceará, Área de Concentración Educación Brasileña. El objetivo fue comprender las implicaciones sociales y pedagógicas del aislamiento social en la vida de las profesoras de la Escuela Secundaria Integrada del Campus Canindé del Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) en el contexto de la pandemia de coronavirus. La sumisión de la mujer por naturalización biológica y social, proviene de la imposición cultural durante generaciones. Este problema se agravó aún más durante el periodo de aislamiento social. Cada vez más dentro del hogar, las mujeres estaban sobrecarregadas de actividades. Los marcadores

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Baturité – CE – Brasil. Professora. Departamento de Ensino. Pós-doutora em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-7257>. E-mail: cleide.silva@ifce.edu.br

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE – Brasil. Professora. Departamento de Ensino. Pós-doutorado em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8233-1190>. E-mail: profa.patriciaholanda@gmail.com

teóricos y metodológicos indican que las mujeres necesitan conocer el sistema social y cultural que las sumerge. Instar a la movilización de las mujeres con potencial político de articulación para la deconstrucción de las conexiones sociales y culturales opresivas y desmitificación del encarcelamiento femenino; las propuestas afirmativas, con acciones compensatorias centradas en las diferencias desiguales deben ser eficaces para el logro de la igualdad de género.

PALABRAS CLAVE: *Sociedad de clases. El patriarcado. Interseccionalidad. El distanciamiento social.*

ABSTRACT: *The textual writings refer to a post-doctoral internship research of the Post-graduate Program in Education of the Federal University of Ceará, Area of Concentration Brazilian Education. It aimed to understand the social and pedagogical implications of social isolation in the lives of female teachers of the Integrated High School of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Canindé Campus in the context of the coronavirus pandemic. The submission of women by biological and social naturalization, comes from cultural imposition for generations. This problem became even worse during the period of social isolation. Increasingly inside the home, women were overloaded with activities. Theoretical and methodological markers, assert that women need to know the social and cultural system that makes them submerged. Urge the mobilization of women with political potential of articulation for the deconstruction of oppressive, demystification social and cultural connections of female imprisonment; affirmative proposals, with compensatory actions focused on unequal differences must be effective for the achievement of gender equality.*

KEYWORDS: *Class society. Patriarchy. Intersectionality. Social estrangement.*

Introdução

Este trabalho resultou de estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Área de Concentração, Educação Brasileira, Linha de Pesquisa História e Educação Comparada.

Investigamos o grupo mulheres professoras em atuação no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *campus* Canindé durante isolamento social por ocasião do ensino remoto no cenário da pandemia do coronavírus nos anos 2020-2021.

O IFCE é uma instituição pluricurricular e *multicampi*, especializada em educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, ofertando matrículas do Ensino Médio ao doutorado. O *campus* Canindé está geograficamente localizado na microrregião de Canindé, pertencente à Mesorregião Norte do estado do Ceará. Especificamente, em relação às licenciaturas, esse *campus* disponibiliza quatro cursos:

Matemática, Pedagogia, Educação Física e Música. Com atuação nas modalidades presencial e à distância, disponibiliza também cursos de bacharelados e Pós-Graduação *Lato Sensu*, em articulação com o trabalho de pesquisa e extensão, sem perder de vista a concomitância com os cursos de níveis Técnico e Tecnológico.

O estudo elegeu o curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletrônica, em razão de sua matriz curricular ser de natureza integrada, em tempos de ensino remoto, como também, pela escassez feminina em atuação. O referido curso visa qualificar os estudantes para atuarem como profissionais no desenvolvimento de projetos eletrônicos nas subáreas de micro controladores e microprocessadores, bem como na execução e supervisão de instalação e manutenção de equipamentos, nos sistemas eletrônicos inclusive de transmissão e de recepção de sinais (PPC, 2020).

O perfil do egresso inclui a qualificação para realização de medições, testes e calibrações de equipamentos eletrônicos e execução de procedimentos de controle de qualidade e gestão (PPC, 2020). Assim, o objetivo central da formação está em formar profissionais habilitados para atuar no setor industrial e de serviço na área de eletrônica.

A análise do PPC (2020), a partir do quadro de lotação, evidenciou majoritariamente a presença masculina. A discrepância entre o número de docentes homens e mulheres será evidenciada neste texto pelo viés da inadmissibilidade feminina em alguns postos de trabalho e, especificamente neste caso, como um agravante naturalizado da própria área. O número de professores sobrepõe-se ao número de professoras, algo comumente validado socialmente sob o mito da ciência dura, área das ciências exatas, algo que não convém às mulheres.

Objetivamos com o estudo compreender implicações sociais e pedagógicas do isolamento social na vida de mulheres professoras do Ensino Médio Integrado do IFCE *Campus Canindé* no contexto da pandemia Covid-19. Para tanto, optamos por tomar decisões com base em escolhas técnicas, a fim de assegurar a autenticidade e o rigor científico das respostas, sem abrir mão da ética metodológica. Decidimos pela abordagem qualitativa alinhada ao método do estudo de caso, com as técnicas do questionário semiestruturado aplicado *online* pelo formulário *Google Forms*, além da análise documental, com a inserção do PPC do curso.

O eixo central do referencial teórico está na abordagem feminina, como ponto de partida para análise dos fundamentos ancorados nas teorias norte-americanas e afro-brasileiras, com o intuito de contrapor a crítica acerca da opressão interseccional pela tríade gênero, raça, classe social sob a dominação do patriarcado (AKOTIRENE, 2020).

Na primeira seção estabelecemos o diálogo sobre a vida da mulher na pandemia, o desafio do trabalho remoto e os cuidados com a família. Na sequência, trazemos a seção do percurso metodológico e, em seguida, a seção dos resultados contendo a experiência do campus Canindé. Nesta parte do texto analisamos as mudanças ocorridas na vida familiar e profissional da mulher professora enquanto profissional e mãe responsável pelo bem-estar da família. Situada na classe trabalhadora, as professoras dispuseram a própria residência para o ensino remoto e adaptaram cômodos, investiram em internet, adquiriram equipamentos e aparelhos eletroeletrônicos. Por fim, nas considerações finais, destacamos a perspectiva de retomar outros pontos em estudos posteriores, a exemplo das contradições entre os homens e as mulheres na sociedade de classe, como também, a necessidade de um estudo sobre a posição social da mulher professora, com padrão de vida superior à dona de casa comum, pobre, desempregada, diarista, assalariada e negra. As contradições existentes dentro da classe feminina percebidas por ocasião de leituras atuais, por si, justificam a retomada deste assunto, urgente e oportuno.

Trabalho em casa, atividades remotas e a vida de mulheres professoras na pandemia do coronavírus

A pandemia do Coronavírus, desencadeada em março de 2020, impôs a paralisação das aulas presenciais devido a determinação de isolamento social. E com ele, a interrupção da rede mútua de ajuda que existia entre as mulheres: mãe e filha, avó e tias, primas e irmãs, umas se apoiavam nas outras de forma alternada em auxílio nas tarefas cotidianas. O distanciamento social não só interrompeu essa rede de apoio, como também promoveu acúmulo de atividades em meio à nova rotina.

A suspensão das aulas presenciais impactou diretamente a vida de todos, sobretudo, para as pessoas mais vulneráveis, entre estas, as mulheres. A intensidade do trabalho se agravou e os afazeres domésticos triplicaram em razão dos cuidados, da orientação e acompanhamento aos filhos no ensino remoto, dos cuidados de higienização das crianças, da preparação dos alimentos, da lavagem de roupas, além do trabalho externo para o sustento familiar.

As circunstâncias da pandemia colocaram as mulheres cada vez mais dentro de casa e as consequências foram imediatas: precarização das condições de moradia, da falta de acesso à rede mundial de computadores, enfrentamento à insegurança alimentar, desemprego, fome, violência, dentre outros problemas.

Levantamento do Jornal Datafolha, entre 10 e 14 de maio de 2021, apontou crescimento exponencial da violência contra as mulheres dentro do próprio lar. Segundo a reportagem, 73,5% da população acredita que a violência aumentou consideravelmente e 51,5% relataram ter presenciado alguma situação de violência. Tais indicadores apontaram o público feminino como o mais atingido e definiram um perfil social deste público: domésticas negras, separadas e desempregadas (PAULO, 2021).

A crise no contexto brasileiro avançou rapidamente, alcançando em 2021 catorze milhões de desempregados; deste quantitativo, 06 milhões pararam de procurar emprego por não vislumbrar oportunidade. Além dos desempregados, quarenta milhões de trabalhadores vivendo sob forma uberizada³ com jornada diária de até catorze horas de trabalho ininterrupto, sem descanso semanal, férias remuneradas, licença saúde e seguro-desemprego (SILVA, 2021)⁴. Na interface da precarização social, famílias confinadas, o vírus sem controle, crianças sem escolas, educação esvaziada, distanciando-se cada vez mais da classe que mais precisa (SAVIANI; GALVÃO, 2021).

Exploradas, subjugadas ou camufladas, as mulheres desempenharam um importante papel no confinamento, afinal, elas sempre estiveram na história. Por isso, a relevância em problematizar e discutir as desigualdades que as atingem (CRENSHAW, 2002). Durante muito tempo, as mulheres foram mantidas invisíveis na sociedade, sem o acesso à cultura, a ciência e a tudo que convém ao homem. Desta forma, mantiveram-se silenciadas por longos períodos, sob rótulos de histeria, “incapacitadas” ou endemoniadas. Sem liberdade de falar em público, fazer negócios, trabalhar, enfim, sem o direito de fazer qualquer tipo de concessão, visto que não dominavam o próprio corpo, a alma e nem os pensamentos. Aprisionadas em mitos, costumes e tradições não lhes era permitida decisão alguma (DELPHY, 2015).

As mulheres coisificadas pela ideia de naturalização biológica permaneceram imobilizadas na sociedade, silenciadas e aprisionadas culturalmente. Somente os homens apareciam socialmente. Desse lugar privilegiado, instituíam da classe masculina, o pensamento universal de apropriação matrimonial aplicável às mulheres como um antídoto predatório (DELPHY, 2015).

Segundo Holanda e Cavalcante (2013, p. 06) ainda hoje, “a maternidade é vista como o representante maior da feminilidade”, uma vez que a natureza da mulher devesse ser cultivada como algo delicado e frágil. Esta rotulação tem como finalidade recobrir as

³ Alternativa de trabalho à falta de empregos formais. Os trabalhadores informalmente, usam seus bens e oferecem serviços a patrões invisíveis por meio de aplicativos, de modo precarizado, na informalidade.

⁴ Dados extraídos do pronunciamento do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no 01 de maio de 2021, em homenagem ao dia do (a) trabalhador (a), na Central Única dos Trabalhadores, Estado de São Paulo.

mulheres de atributos passivos, considerados adequados ao desempenho da função de esposa e mãe.

É preciso refletir que ainda hoje, nas sociedades ocidentais, em grande medida, perdura essa compreensão da mulher como reprodutora e submissa ao homem mesmo quando a figura feminina é a provedora do lar (HOLANDA; CAVALCANTE, 2013). Em ritmo lento, este aprisionamento foi sendo redimensionado com a desconstrução das verdades absolutas aceitas socialmente e validadas culturalmente (HELLER, 2016).

No século XIX, as mulheres iniciaram as primeiras conquistas, embora tímidas, começaram a se fazer presentes nos discursos e nas imagens. A partir do século XX fizeram história com suas presenças nas universidades, mudando o clima intelectual, com o domínio da escrita, alterou também o rumo da história (PERROT, 2007).

O desafio no século XXI é fazer com que as conquistas das mulheres ganhem as ruas, de modo escrito ou falado, em palavras ou em gestos, o debate precisa ganhar movimento emancipatório. Os tempos mudaram e esta perspectiva de mudança emancipada precisa mudar a história, a começar pela situação econômica das mulheres com mais postos de trabalho e valorização financeira (PERROT, 2007).

O longo ciclo vicioso, da desigualdade salarial entre homens e mulheres, adveio com a desumanização da classe trabalhadora, especialmente sobre os mais pobres e a população negra, que continua relegada a atividades degradantes. O capital concentrou renda e acumulou riquezas, proletarizou a classe operária, deixando-a sem direitos e mais vulnerável. O triunfo de acúmulo do capital imprimiu nos grandes centros urbanos a violência, a exclusão, a fome e a miséria absoluta. Os precursores do colonialismo, alinhados ao patriarcado, articularam-se no capitalismo, reforçando a alienação pela via da brutalização (DAVIS, 2016).

Em meio à crise humanitária da pandemia, o mercado tornou-se cada vez mais insidioso, remodelou o trabalho com a logística do *Home Office*. O distanciamento físico alocou a indústria digital e o trabalho remoto como o novo modelo produtivo (MARTINS, 2020).

Por conseguinte, a educação não ficou imune ao trabalho remoto. O avanço da pandemia paralisou universidades, escolas, postos de trabalho, turismo, dentre outras atividades classificadas como não essenciais, o que alargou mais espaço ao *Home Office*. No centro da crise sanitária a educação situou-se com o ensino remoto, propalado emergencialmente para todos, sem que todos tivessem acesso aos bens e serviços digitais.

Assim, estandardizou-se a cruel pedagogia do vírus de maneira incomum no meio digital, tecnológico e educacional (SANTOS, 2020). As regras do confinamento que

determinou o ensino remoto emergencial não asseguraram condições de formação, o que agravou ainda mais a estrutura desigual.

Neste contexto excludente, a educação se manteve subdesenvolvida, limitada, fragmentada, milhões de crianças não conseguiram se alfabetizar, cinquenta por cento dos jovens não fizeram a prova do Exame nacional do Ensino Médio em 2021. O avanço da pandemia não suavizou o déficit escolar, como pelo contrário, trouxe mais pobreza extrema, violência, fome e miséria. A erosão democrática fragilizou o tecido social, acirrou a polarização ideológica com evidentes riscos à democracia brasileira, silenciando as universidades para o fortalecimento da inoperância de políticas populistas (LEMES; SANTOS CRUZ, 2020).

Em relação ao Ensino Médio, pesquisa da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2020), constatou que 53,6% da classe docente foi qualificada para ministrar aulas remotas e metade destes professores compartilham recursos tecnológicos com outras pessoas em seu espaço domiciliar. Outro dado relevante acerca dos professores é o fato de que 9 a cada 10 professores utilizou o telefone celular na realização de aulas remotas. O acesso à internet banda larga não alcançou a todos professores, mais de 24% precisaram utilizar pacote de dados móveis para ministrar aulas no contexto do ensino remoto.

Os dados evidenciaram ainda que 43,5% de docentes do Ensino Médio realizavam aulas remotas síncronas e 9 a cada 10 docentes elaboravam as atividades para enviar aos estudantes. Na concepção docente: “houve um aumento das horas de trabalho gastas na preparação das aulas não presenciais em todas as etapas da Educação Básica” (CNTE, 2020, p. 15).

Assim o ensino remoto impactou diretamente no desempenho estudantil. Especificamente, em relação ao Ensino Médio, 45,8% dos discentes “[...] diminuiram drasticamente a participação nas atividades propostas” (CNTE, 2020, p. 18). Na compreensão dos professores, 1 em cada 4 estudantes não disporia dos recursos para ter acesso ao ensino remoto, afetando diretamente a realização das atividades.

Tomando esta visão geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, buscamos entender as especificidades do Ensino Médio Integrado do *campus* Canindé a partir da atuação profissional de professoras que se voluntariaram a colaborar com a pesquisa, compartilhando a subjetividade feminina, a partir do que viveram desde março de 2020, quando as aulas presenciais foram interrompidas.

Fundamentos teórico-metodológicos

Metodologicamente, articulamos a dimensão qualitativa com o método estudo de caso, o qual envolveu uma situação reconhecida como um problema real da vida cotidiana. Tratamos, portanto, de um problema a partir de experiências humanas e suas relações sociais, por diferentes variáveis, desde o lugar de fala às condições de trabalho das respondentes.

Flick (2009) destaca que a pesquisa qualitativa tem como primazia estudar relações complexas. Trata-se de uma abordagem que busca dar conta da subjetividade cotidiana, como um ato social de construção do conhecimento ao invés de somente explicá-la por meio do isolamento de variáveis.

A pesquisa qualitativa preocupa-se “[...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]” (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Alinhado à abordagem qualitativa, selecionamos o método estudo de caso para que este propiciasse a exploração do fenômeno, conduzindo-a a exaustão, permitindo a clareza e a sequência coerente das decisões no processo de coleta, organização e tratamento das informações, para posteriormente fazer a interpretação dos dados do caso do IFCE, *campus* Canindé (ZANELLI, 2002).

Com o propósito de coletar as informações, recorreremos às estratégias metodológicas da análise documental e do questionário *online*. Com base em Gil (2007), a pesquisa documental utiliza-se de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, diferenciando-se, portanto, da pesquisa bibliográfica, que se utiliza das contribuições de variados autores sobre um assunto específico.

Nesse sentido, fontes documentais podem e devem ser incluídas no decorrer de uma investigação, tais como: relatórios, documentos oficiais, filmes, dossiê, vídeos, gravações, dentre outros registros. No caso em comento, debruçamo-nos sobre o PPC do referido Curso a fim de acrescentar dados para além do questionário.

O questionário, na compreensão de Gil (2007), trata-se de uma técnica investigativa composta de questões abertas ou fechadas, estruturadas ou semiestruturadas utilizadas *online* ou presencialmente, conforme as condições de realização e os objetivos da pesquisa. Diante do distanciamento social recomendado pelos órgãos de saúde, aplicamos as questões de forma

virtual atentas aos aspectos éticos. Neste sentido, ressaltamos que a investigação em tela passou pelo Comitê de Ética na Pesquisa⁵.

Concluída a coleta do processo investigativo, as informações foram organizadas e categorizadas. Após tratamento adequado, foram refletidas à luz da Análise do Discurso Crítico (ADC), de Fairclough (2010). Deste modo, a análise manteve-se conduzida à exaustão, a fim de alcançar densidade ao fenômeno estudado conforme evidenciaremos a seguir no formato de recorte.

O curso analisado agregava 23 docentes nas disciplinas do núcleo comum e na área técnica profissional; deste quantitativo, apenas cinco eram mulheres, sendo estas, as respondentes identificadas com a letra “P” acrescida dos números ordinais na ordem crescente: (P-1); (P-2); (P-3); (P-4) e (P-5). O recorte sintetiza alguns dos trechos contidos no relatório que sinalizam respostas às implicações sociais e pedagógicas pela ótica das respondentes.

Resultados e discussões: a realidade do Ensino Médio Integrado em Eletrônica do IFCE campus Canindé/CE

A história humana foi alicerçada com o esforço de muitas mulheres e reconhecer os esforços destas pioneiras nos ajuda a entender os mecanismos opressores do patriarcado fortemente atracado à divisão sexual, à classe social e à raça humana (DAVIS, 2016).

Os marcadores sociais entre menino e menina são bem definidos desde a composição dos enxovais, incluindo preparativos e cores para reforçar a engenhosidade patriarcal. Os meninos são encorajados a não chorar, a não ser frágeis, pois são eles os responsáveis pela perpetuação da espécie, enquanto as meninas devem ser reservadas ao matrimônio e destinadas à procriação.

Com base nas respostas das participantes, estes marcadores sociais e culturais reluziram na pandemia. As mulheres foram visivelmente impactadas com mudanças imediatas em suas vidas cotidianas. Em relação às mulheres professoras, suas práticas docentes também foram alteradas desde a inserção de recursos digitais e tecnológicos à adaptação de espaços físicos, trazendo, inclusive adoecimento e sofrimento para docentes que não conseguiram se adaptar rapidamente às atividades remotas.

Na compreensão de P-1, no ensino remoto, “há dias ruins e dias menos ruins”. Ao fazer o desabafo, expôs sua condição de trabalho nos últimos meses, pontuou a existência de

⁵ Conforme parecer n. 4.769.199 da Plataforma Brasil.

um conjunto de problemas, desde o acesso, instabilidade da internet, adoecimento psicológico, ansiedade e preocupação com a família, com o déficit escolar, com os alunos, além do temor pela própria vida: “são problemas de natureza complexa, por isso, não dá para ter dia bom”.

No raciocínio de Santiago (2021), o contexto caótico do isolamento social afastou as pessoas umas das outras. Familiares e amigos foram impedidos da convivência social, privados de ambientes de lazer, permaneceram sem a presença física de pessoas queridas e isto impactou profundamente na qualidade de vida, trazendo mais cansaço profissional.

Dentre as implicações pedagógicas destacaram a falta de formação voltada ao contexto remoto, as desigualdades sociais, as más condições de moradia, a falta de acesso à internet, interferência de barulho interno e externo; tudo isto interferiu diretamente nas práticas pedagógicas. Assinalaram ainda o sentimento de que a potencialidade docente encontrada nas atividades presenciais parecia ter se modificado em desafios constantes para muitos docentes (FIRMINO *et al.*, 2021). Em relação a vida social das mulheres, respondeu a P-2:

A pandemia tem impactado de inúmeras formas a vida das mulheres na pandemia. Dentre muitos fatores, podemos considerar a sobrecarga de trabalho devido as demandas domésticas e profissionais que agora se misturam durante o dia e não têm hora para terminar. As mulheres, na maioria das famílias, também assumem o papel de cuidar dos familiares que adoecem e de assumir as responsabilidades domésticas. E as mulheres que são mães aumentaram exponencialmente sua sobrecarga de trabalho, tendo que dar conta da educação e cuidados com os filhos, realização de atividades domésticas e profissionais. A pandemia só evidenciou para a sociedade a sobrecarga de trabalho das mulheres (P-2).

O modo de produção doméstica está na centralidade da base familiar para a sustentação das estruturas patriarcais e do sistema da produção flexível neocapitalista. As mulheres, na identidade de esposas e dona de casa, assumem o trabalho pesado no interior dos lares como sustentáculos invisíveis na funcionalidade do mercado (DELPHY, 2015).

Sem remuneração e sem direitos assegurados, a mulher lava, passa, cozinha, faxina a casa, cuida dos filhos, garante o bem-estar familiar, enquanto o homem dedica todo o seu tempo ao setor do trabalho assalariado. Neste sentido, a classe feminina constitui-se apropriada ao matrimônio e adequada ao sistema produtivo sob a identidade de dona de casa.

A serviço do capital, as mulheres se mantêm distantes da formação, dos postos de trabalho e conseqüentemente, da militância política. Carneiro (2011) chama a atenção para duas matrizes poderosas na construção do potencial que mantém as mulheres distantes da arena política. São as matrizes da miscigenação e da democracia racial. Ambas são

responsáveis pela eficácia na ocultação das desigualdades sociais e culturais. A funcionalidade destas duas matrizes alinhada ao patriarcado, assegura a repetição do passado no presente através do aparelhamento racial. Por isso, o desafio feminista não é simplista, uma vez que a raça e classe se constituem elementos de retroalimentação ao sistema patriarcal na estruturação das desigualdades.

Na percepção de Tabet (2004), as mulheres são intercambiadas pela ignorância como um dos principais pilares da sua opressão. Muitas delas não têm consciência do nível de exploração a que são conduzidas. Este desconhecimento entre as próprias mulheres é algo tão natural, aceito por todos, que as mulheres também compactuam com a naturalização ingenuamente (GUILLAUMIN, 2003). A responsabilização das mulheres no lar foi unanimidade entre as respondentes.

De início ficou bem mais complicado. A gente já trabalhava muito, mas tinha o hábito de fazer outras coisas para diferenciar o final de semana. Na pandemia a gente não consegue se deligar e permanece no computador. A implicação principal foi a falta da rede de colaboração. Diminuiu muito o apoio de amigos e familiares. O descanso por parte dos pais, a falta de interação por partes das crianças vividas na escola. Isso afetou muito a todos, incluindo as crianças e a vida social. A responsabilidade da mulher sobre todos da casa. Tudo isso é bem complicado (P-5).

As mulheres precisam ter condições para lutar e se reconhecer como parte da luta. O engajamento feminino não pode ser reduzido a esclarecimentos que perpassem a conscientização das mulheres. Faz-se necessário, portanto, uma forma de práxis alicerçada em práticas afirmativas que alimentem o discurso para a mudança social (FAIRCLOUGH, 2010). Originária do Estruturalismo e da Psicanálise, a Análise do Discurso Crítica (ADC), de Fairclough (2010), orienta para a desconstrução da mística e do problema da modelagem estrutural que domina as pessoas. Como área transdisciplinar, os pressupostos da ADC, desnudam ideologias cristalizadas nos discursos arraigados. Deste modo, a ADC atribui respeito à ética, à justiça e à coerência no processo de análise com foco no problema social, posto que seus objetivos estão sempre voltados à dimensão política, social e cultural.

A ADC aborda a dialética relacional como elemento dissociado da linguagem representativa que inferioriza práticas conservadoras. O reconhecimento relacional das diferenças das relações cotidianas precisa se relacionar com novas práticas sociais justas e coesas capazes de sustentar o constructo social humanizado no contexto (FAIRCLOUGH, 2010). Desta forma, a sociedade não reproduz a realidade desigual porque redimensiona as práticas conservadoras para a mudança social através de fatos reais expressos nos eventos sociais, isto é, por meio de ações para além do discurso.

Com base em Fairclough (2010), a caracterização social do discurso é imanente ao próprio contexto social, parte deste e volta-se à realidade social. A ineficiência da articulação humanizadora fortalece a mística e aprofunda o problema social através da modelagem da dominação que reproduz a opressão.

A respondente P-4 percebe que não é fácil libertar as mulheres, sobretudo, as que estão em situação vulnerável. São exatamente estas mulheres as que mais precisam de proteção e não escapam do assédio, da violência, da fome e da exclusão de qualquer natureza. Reconhecido este estado situacional, a estratégia é refletir sobre o que poderá ser feito e como será possível avançar coletivamente no debate sobre políticas e ações voltadas à classe das mulheres. As respondentes afirmaram que não faz sentido dentro da própria classe feminina umas mulheres não se importarem com outras, por isso, a desigualdade da própria classe é intolerável.

A responsabilidade doméstica no ambiente familiar se manifesta de maneira indiscutível, o que evidencia o propósito da reflexão ideológica acerca da diferença do sexo no sentido de deslocar o poder social conferido aos homens pela divisão sexual e do trabalho. Não se trata de colocar homens e mulheres em sobreposição, mas estudá-los de maneira relacional e dialética sem contrapor as mulheres como seres únicos, e sim dentro de um conjunto sociopolítico (FALQUET, 2014).

Os estudos de Guillaumin (2003) asseveram a existência de um arsenal jurídico que assegura a perpetuação da responsabilidade feminina. A apropriação coletiva se dá pelo casamento e, de maneira consuetudinária, os afazeres domésticos são garantidos como um direito masculino ao deter uma mulher aparelhada à lógica da propriedade privada.

Com esta lógica cultural, o homem toma a posse pelo direito, determina as condições de confinamento, o uso ou não da violência física ou psíquica, a coação sexual com ou sem o consentimento. Assim, o matrimônio oscila entre flores e silêncio, amparado no direito contratual contrastado na desigualdade naturalizada como se nada pudesse ser feito. Na apropriação concreta e material do casamento têm-se as flores, o culto, a religião e, se nada disso for suficiente, a lei garante a apropriação do corpo e o culto religioso a alma (GUILLAUMIN, 2003).

É importante compreender a dinâmica de violência imbricada no gênero como algo amplo, construído socialmente (AKOTIRENE, 2019). Precisamos entender os diferentes tipos de ameaça que alcançam as mulheres nos postos de trabalhos, nas ruas e na sociedade a fim de criarmos estratégias educacionais, a exemplo do modelo formativo, política sábia que poderá se constituir uma alternativa viável (MAHDI; PIRANI, 2021).

São situações que apresentam níveis de classificação e deixam marcas profundas, fazendo-se necessário fortalecer a rede de acolhimento, de proteção e de qualificação para que estas mulheres ocupem mais espaço no debate e se reconheçam como parte da luta na unidade feminina.

Considerações finais

A pandemia do Coronavírus avançou rapidamente, impactando mundialmente a saúde, a educação, a economia e o modo de vida das pessoas. A situação epidemiológica deflagrou a crise humanitária, trazendo consequências diretas à vida humana. Ao serem paralisados serviços essenciais e não essenciais alteraram-se profundamente as relações de trabalho, sendo inserida a lógica do *Home Office*, a exemplo da telemedicina e do próprio ensino remoto emergencial.

As mudanças alteraram a rotina das pessoas e as consequências foram imediatas, sobretudo, para os indivíduos mais vulneráveis, incluindo crianças, mulheres e idosos. Muitas mulheres tiveram a condição de ficar reclusas, enquanto outras enfrentaram trabalho árduo, violência, exclusão, fome, abandono, adoecimento físico e psicológico.

Reclusas socialmente, as professoras participantes, embora com uma renda assegurada, também responderam que vivenciaram desafios. Tiveram que adaptar espaços físicos, reforçar pacotes de internet, aprender a utilizar estratégias digitais, orientar os filhos, fazer a própria alimentação, além das tarefas pedagógicas.

A pesquisa aferiu que as mulheres foram fortemente atingidas, pois viram sua rede de apoio ser reduzida, além de desafios, como: desemprego, violência doméstica, abandono social, sem alento e sustento para a própria família, arruinando diretamente a luta feminista.

Concluimos que as mulheres continuam separadas uma das outras pelas diferenças. Diversos aspectos interferem em suas vidas e caracterizam as experiências por marcadores sociais. As implicações ideológicas e o desconhecimento pela falta de acesso à cultura favorecem a dominação masculina. Assim, uma vez que boa parte das mulheres desconhece seus direitos, facilmente renuncia ao que já lhe é assegurado.

A unidade doméstica se constitui um dos lugares em que a opressão masculina se manifesta de maneira indiscutível, impedindo o desenvolvimento da consciência das oprimidas. A ênfase desta pesquisa lançou luzes sobre as experiências de mulheres professoras que disponibilizaram suas vivências e que também admitiram a desigualdade entre as próprias mulheres a partir de marcadores sociais.

Dentre seus respectivos lugares de fala, as respondentes reconheceram que, embora diante dos desafios do ensino remoto, dispõem de uma vida tranquila em relação ao bem-estar social da família, conscientes de que alimentação, moradia segura e segurança familiar não são aplicáveis à totalidade feminina.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CNTE. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. **Relatório Técnico**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO/UFGM), 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, C. O inimigo principal: A economia política do patriarcado. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 17, p. 99-119, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/wwgKkcLrkZv5qgnF6kRQfXs/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 08 set. 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The critical study of language**. 2. ed. Harlow, 2010.

FALQUET, J. Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 09-23, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/25688>. Acesso em: 20 maio 2021.

FIRMINO, N. C. S. *et al.* Os saberes docentes no ensino remoto emergencial: Experiências no estado do Ceará. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 7, n. 21, jun. 2021. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RECEI/article/view/3210>. Acesso em: 01 jul. 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GUILLAUMIN, C. **Racism, sexism, power and ideology**. Nova York: Taylor & Francis e-Library, EUA, 2003.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOLANDA, P. H. C.; CAVALCANTE, M. J. M. Do Amor ao Casamento: Análise de um manual de preparação das moças para assumir os deveres de esposa, mãe, dona-de-casa, em circulação no nordeste do Brasil em meados do século XX. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Mato Grosso. **Anais [...]**. Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

LEMES, S. S.; SANTOS CRUZ, J. A. Editorial, v. 24, n. 1, jan./abr. 2020: O silêncio – ou apatia – da Universidade, a crise e a erosão da razão democrática. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 1, p. 1-3, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24i1.13420. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13420>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MAHDI, N.; PIRANI, S. Educação política sábia: Características, princípios e eficiência. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 3, p. 2641–2654, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/15471>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MARTINS, I. Home Office deve ser tendência entre empresas após a pandemia. **Jornal Correio Brasiliense**, Trabalho e Formação, 05 jul. 2020. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2020/07/05/interna-trabalhoeformacao-2019,869603/home-office-deve-ser-tendencia-entre-empresas-apos-a-pandemia.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PAULO, P. P. Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil. **G1 SP**, jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletrônica**. Ceará: PPC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- IFCE, Campus Canindé, 2020.

SANTIAGO, A. P. Um ano fora do tempo. *In*: SENA, I. P. F. S.; MORAIS, T. C. A. (org.). **Durante a pandemia: Um saldo parcial de nós mesmos**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia o vírus**. Coimbra: Boitempo, 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: A falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, n. 67, p. 36-49, jan. 2021. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-201censino201d-remoto/view>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, L. I. L. **Lula faz discurso eleitoral e critica Bolsonaro em ato de 1º de Maio**. São Paulo: UOL, 2021. 1 vídeo (5 min). Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=1AR9D-j_f6k Acesso em: 10 jun. 2021.

TABET, P. **La grande arnaque**. Sexualité des femmes et échange économique-sexuel. L'Harmattan. Paris: Bibliothèque du féminisme, 2004.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 7, p. 79-88, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/epsic/a/GdRk6zHHNz4yL6NBsH6P4yH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2021.

Como referenciar este artigo

LEITE, M. C. S. R.; HOLANDA, P. H. C. (Des) politização: Mulher, mãe e professora no ensino remoto em tempos de crise. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. esp. 4, e022102, 2022. e-ISSN:1519-9029. DOI:
<https://doi.org/10.22633/rpge.v26iesp.4.17116>

Submetido em: 23/03/2022

Revisões requeridas em: 10/05/2022

Aprovado em: 07/07/2022

Publicado em: 01/09/2022

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

